

Pessoas e peixes na arte, ciências e no cotidiano: outras ecologias das relações multiespécie

Leihge Roselle Rondon Pereira

Dolores Galindo

Introdução

Peixes são bons para pensar e viver com. Vivenciamos uma relação de pesquisa em companhia desses não humanos, ou seja, com atores que, denominados não humanos, desempenham ações com tanta importância quanto os humanos, mas que não são caracterizados pela distinção da constituição *per se* do homem; são aqueles atores **outros** que se formam em constituições ontológicas mediante experimentações cotidianas (Galindo, 2011).

Pelas misturas em pesquisa com os não humanos peixes, podemos conceituar a Psicologia Social em expansão como um movimento já explorado na antropologia etnográfica (Kirksey & Helmreich, 2010), no qual criaturas que permaneciam na margem da Antropologia - animais, plantas, peixes, fungos e micróbios - como parte da paisagem, como alimento para os seres humanos, como símbolos ou como matáveis, são empurradas para o principal plano de visibilidade aparecendo ao lado dos humanos. Com a expansão da visibilidade das relações entre humanos e não humanos, recorreremos à teoria Ator Rede (Latour, 1994, 2004, 2012; Latour & Woolgar, 1997), que considera conexões entre humanos, não humanos e materialidades¹, acionadas por relações que nos formam e nos modificam.

Nesse emaranhado de redes e caminhos geralmente oferecido pelas pesquisas, nós nos aproximamos de áreas relacionadas ao não humano de destaque na pesquisa; *os peixes*. Assim, percorremos estudos de Ictiologia

¹ Para Galindo et al. (2009), as materialidades, ou seja, objetos, tecnologias ou coisas, são efeitos relacionais, o resultado de uma relação de mútua constituição.

e seguimos as redes do campo dos estudos dos animais (Haraway, 1995, 2008; Ingold, 1994; Maciel, 2011), que em interface com a Psicologia Social pós-construcionista (Iñiguez, 2008), dispensa as posições antropocêntricas.

Durante a pesquisa, utilizamos o princípio da simetria generalizada (Latour, 1994). Latour e Callon, inspirados nos trabalhos do programa forte em Sociologia do Conhecimento, de David Bloor, promulgaram com adaptações o princípio da simetria. Bloor postulava que, com o princípio da simetria, era possível explicar tanto o verdadeiro quanto o falso caso fossem usados os mesmos interesses e categorias. A partir dessa ideia, os autores apresentaram o princípio de simetria generalizada, que, além dos erros e das verdades, a natureza e a sociedade também seriam tratadas sobre o mesmo quadro de interpretação e explicadas ao mesmo tempo. Com essa proposta, não seria mais necessário separar a natureza e a sociedade em polos dicotômicos e, concomitantemente, não seria mais necessário separar seus representantes, sujeitos (natureza) e objetos (sociedade), em outros polos distintos.

Seguindo o princípio da simetria generalizada, todos os seres das relações possuem o poder de atuação. Para dispensar as posições antropocêntricas, impedimos a destituição do poder de posição e atuação dos não humanos nas relações, uma posição que quase sempre fica à mercê do olhar atento do pesquisador analista, que por causa do seu treinamento metodológico acaba filtrando e deixando nas bordas das pesquisas os atores não humanos. Conforme indica Latour (1994), o referencial analítico que devemos considerar é o estado das coisas, pois os próprios atores produzem seus referenciais, suas teorias e os seus contextos.

Esse posicionamento científico possibilitou o objetivo da nossa pesquisa, ou seja, estudar como os peixes ordenam e reordenam relações no âmbito cotidiano da região do Porto de Cuiabá, na iconografia da arte mato-grossense e nos meios científicos dos pesquisadores de ictiologia de Mato Grosso. Para isso, identificamos o modo como os peixes são inscritos nos discursos dos comerciantes de peixes, dos frequentadores do Mercado do Porto, dos artistas, dos cientistas, e também como se encontram inscritos nas materialidades em cada âmbito da pesquisa, ou seja, no âmbito da ciência, da arte e do cotidiano. A noção de inscrites de Latour e Woolgar (1997) torna-se para nós pesquisadores uma ferramen-

ta de mediação, pois se trata daquilo que transforma matéria em escrita. Segundo os autores, o laboratório pode ser considerado um sistema de inscrição literária. Com os resultados, buscou-se analisar as relações na prática, para que fosse possível desenhar as diferentes formas de relações e refletir sobre como os peixes modificam e se modificam nas relações entre a arte, a técnica e a verdade.

Os três âmbitos da pesquisa (Arte, Ciência e Cotidiano) configuram-se espaços para se cogitar uma “ecologia no seco”. Ecologia, fora dos regimes aquosos, são os locais geralmente destinados a pesquisar e pensar sobre os peixes. Observamos regimes que, apesar de menos fluídos devido a sua dinâmica não-aquosa, são também complexos (Law & Lien, 2012; Ribeiro, 2011).

Seguir peixes como Law e Lien (2012) apontam é bem mais do que seguir atores; é também perceber que os arranjos formam coreografias ontológicas² bem mais instáveis. Os peixes estão na maior parte do tempo fora de vista, e a sua linguagem corporal é difícil de “ler”. Os autores buscaram descrever as relações do salmão e notaram que as práticas presentes nas relações são inventadas todos os dias, e que os modos de ser animal e humano são constantemente performados³. Durante a pesquisa, foi percebida a transformação do ser, através das relações entre pessoas e os peixes; alguns participantes se tornam ativos, enquanto outros se tornam cuidadores preocupados com a alimentação dos peixes. Apesar das práticas desenvolvidas nas relações nunca serem seguras e fixas, é certo afirmar que elas moldam os atores presentes nas relações, os objetos e os materiais.

Durante uma relação entre pessoas e peixes, estamos sujeitos a interpelações por meio de outros não humanos e materialidades heterogêneas. A rede não é constituída em uma dialética, ela é percorrida por fluxos heterogêneos, ordenações espaciais e objetais, que são muitas

² Para Law e Lien (2012), as coreografias ontológicas são formadas por ordenações e sequências que desenham as texturas de relações. As texturas têm por função definir e caracterizar as qualidades das relações na prática, no qual também se inclui as relações que se ligam e modelam as pessoas e os seus espaços.

³ Entendemos a noção performance pelo estudo que Mol (2007) desenvolve sobre a realidade. A autora sugere que uma realidade não é observada, é feita, sendo também performada, ou seja, enact, tem uma localização histórica, cultural e material. Em vez de a realidade ser percebida por um perspectivismo, ela “é manipulada por meio de vários instrumentos, no curso de uma série de diferentes práticas” (Mol, 2007, p. 66).

vezes produzidas pelos participantes das relações. Os arranjos formados nas relações entre pessoas e peixes somam com os fluxos heterogêneos e podem ser inscritos, como exemplo, por meio de pinturas, dos microscópicos e vitrines de peixes.

O estudo desenvolvido por Ribeiro (2011) sobre o sumiço dos peixes da pesca de curral em Ipioca (Maceió) mostra que seguir os atores é também seguir as redes de arranjos biopolíticos. Trata-se de cair em esquemas de saber-poder e sobre outras configurações de práticas determinadas pelas diversas relações instituídas. Como exemplo da pesquisa, seguir as redes é cair em fóruns, comissões, cooperativas, colônia e fiscalização, que são alguns dos arranjos produzidos pelas relações entre pessoas e peixes.

Para que pesquisar o peixe no seco? Os peixes na cidade de Cuiabá também estão situados em diferentes espaços não-aquosos e em diferentes inscrições, como feiras, mercados, laboratórios que realizam melhoramento genético, textos acadêmicos que estudam os peixes, na arte da rua, nos catálogos, nas exposições e nos processos de clandestinidade relacionados à venda ilegal de peixes e livros. Foram incorporados ao cotidiano, inspiraram artistas a pintar telas apoiados por Planos Nacionais de Cultura e estão presentes em trabalhos científicos e teses ambientalistas demonstrando a diminuição de sua presença nos rios que atravessam Cuiabá.

Os espaços ontológicos dos peixes

Os peixes são, ao mesmo tempo, naturais, técnicos, cientificizados e matéria para a criação artística, mobilizam redes complexas e, algumas vezes, contraditórias, de maneira que se configuram múltiplos, cuja variação ontológica se dá nos distintos espaços nos quais circulam.

Os peixes têm grande importância para a cidade de Cuiabá; como exemplo, as várias qualidades e quantidades de ictiofauna presentes no Rio Cuiabá foram determinantes para que ocorresse o crescimento da cidade com pessoas que utilizam o peixe para sobreviver (Santos, 2006).

Atualmente, os processos de sobrevivência mudaram para as fontes de comércio. Hoje os ribeirinhos⁴ pescam os peixes e os comercializam.

⁴ Que se encontram ou moram próximo de um rio.

De forma controversa com a proposta de subsistência, os ribeirinhos escolhem o apoio e a filiação às colônias de pescadores, que são órgãos de classe reconhecidos pela Lei n. 11.699, de 13 de junho de 2008, e que incorporam um passado colonial e artífice pela inscrição da nomeação **colônia**, mas que atuam de forma administrativa, formando associações de pescadores que asseguram seus direitos de sobrevivência frente às dinâmicas econômicas. Peixes que antes atuavam em processos de trocas, hoje continuam exercendo o mesmo papel, porém percorrem circuitos formais de venda e informais de clandestinidade (Galindo & Rodrigues, 2012), pois algumas leis estaduais proíbem a comercialização dos peixes destinados à subsistência. As necessidades são ampliadas e, com elas, mas não somente por elas, ampliam-se as redes de relações com os peixes e outras relações ontológicas surgem.

Em entrevista datada em 2013, Serafim Bertolotto afirma:

S. B.: O cuiabano no passado era muito mais voltado para o peixe, até porque no passado, se pensarmos os anos 70, a carne era muito difícil e era muito cara, então o peixe era esse alimento gastronômico muito presente na vida das pessoas. Então, se ele era um elemento do cotidiano, ele vai inspirar esses artistas que estão começando. (Entrevista, 2013)

Como elementos do cotidiano e incorporado ao costume da população, os peixes inspiram artistas que pintam telas neles centradas. Segundo Suzana Guimarães (2007), a construção iconográfica de Cuiabá tornou-se um dispositivo imagético que tenta traduzir a **cara do povo cuiabano**. Os elementos iconográficos fizeram parte de uma estratégia da década de 1970 e 1990 de representar diferentes áreas do país, marcando a descoberta do Brasil e a determinação de um Plano Nacional de Cultura ou nacional-popular (Guimarães, 2007).

Paradoxalmente ao crescimento de telas que falam sobre peixes, trabalhos científicos e teses ambientalistas demonstram a diminuição da presença dos peixes nos rios que atravessam Cuiabá, bem como das práticas de pesca, consequência direta da diminuição dos peixes e da poluição (Amâncio, 2009; Lima, Doria, & Freitas, 2012; Pasa, 2004). Vale lembrar que as relações desenvolvidas não precisam mais ser discriminadas como Naturais ou Sociais. Bruno Latour (1994, 2004) fala sobre o projeto de purificação, que, ao se tentar separar o mundo em natu-

ral e social, também atenuava o antropocentrismo. Todavia, o projeto moderno falha, pois vivemos em coletivos híbridos onde as práticas da purificação não funcionam. Latour, em sua dimensão ontológica, mistura os humanos e não humanos - as espécies. Trabalhar a problemática das relações de homens e animais utilizando a teoria sociotécnica é recorrer a uma postura em que percebemos como os mundos são formados, sem classificar em categorias, como as da Natureza e a da Sociedade. Vivemos em coletivos híbridos, nos quais a prática da purificação não tem como ser efetivada; por exemplo, o peixe de tanque recebe melhoramento genético, assim, já não se pode mais determinar se ele é natural ou social, ele é híbrido.

Entendemos que os peixes proporcionam uma interferência local e que alguns espaços e pessoas estão conectados a esses não humanos em um movimento contínuo. Mas, porque a pesquisa com peixes no seco tem interesse global? No entender de Appadurai (1996), a globalização não é uma questão de homogeneização cultural, e não realizamos uma pesquisa em que dados locais estão compatíveis com outros espaços. Porém, a própria localidade é um produto histórico, e as histórias que permitem a emergência de localidades acabam por ficar sujeitas à dinâmica do global. O global e o local, para Latour (2012), não devem ser divididos, os pesquisadores devem ter a possibilidade de registrar o que é coletado como dado em “forma” de rede, em vez de dividir esses dados em duas porções. Ou, como apresentado por Guillamón (2008), o local e o global não são mais localizados com planos diferenciados, mas como uma rede de vínculos.

O espaço dos animais nos textos

O animal já foi considerado o oposto do homem, essa foi à máxima durante muito tempo sobre o que é ser animal. O animal era simbolizado como aquilo que o homem tem de mais baixo. Uma ideia que reflete a construção do que é ser homem e tem ocupado uma posição central no pensamento ocidental (Ingold, 1994) refere-se à visão de hominização (Lestel, 2011). Alguns estudos referentes à visão de hominização fazem parte da construção da animalidade e humanidade; por exemplo, para Descartes (1996), o homem é um animal racional, se distinguindo da animalidade através da razão e da linguagem. Para ele, o animal é um corpo sem alma e um simples mecanismo, ou seja, não sente dor. Por algum

tempo esse pensamento cartesiano triunfou, mas as necessidades de rever as relações entre homens e animais surgiram.

Nunes (2011) apresenta duas noções fundamentais e históricas sobre os animais: primeiramente, afirma que, no sentido bíblico, os animais eram considerados como criados para que o homem os utilizasse. Na segunda noção, aponta que, ao surgir a teoria da evolução, nós fomos resgatados a considerar o homem como um animal; sendo a variabilidade um traço da espécie animal, então o homem não seria fixo e imutável (Ingold, 1994). Tal pensamento levou a indagações e investigações, e uma delas foi o questionamento de que, como o homem é um animal, as outras categorias de animais também sofrem e sentem dor. Pesquisas sobre essa temática abriram campos nos estudos dos animais para a questão do direito das espécies, e também para questionamentos sobre o antropocentrismo.

Heidegger elaborou trabalhos que são caracterizados por alguns filósofos como um discurso contra o antropocentrismo (Dombrowski, 1994). No livro *What is called thinking?* (1968), Heidegger investiga como ocorrem as ideias nos seres vivos, especialmente em homens e animais. Pontua que a distinção de homem dos outros seres - animais e plantas - é *devido* à racionalidade, ou seja, a formação de ideias. Heidegger tenta colocar animais e humanos em uma simetria através do conceito de anima, que seria o fator determinante fundamental em cada ser vivo, ao postular que, apesar do homem ser marcado por uma vida racional, ele é visto de uma forma que o seu personagem como organismo ainda é decisivo.

Apesar dos respaldos históricos sobre o começo de conceituação da animalidade e humanidade, que levaram a hominização e, conseqüentemente, ao antropocentrismo, cada geração reconstrói sua concepção sobre animalidade, mesmo que seja como uma deficiência de tudo o que os humanos têm (Ingold, 1994); assim, as mudanças de paradigmas permitem reconfigurações nos conceitos, sendo necessário atentarmos para essas mudanças.

Os estudos dos animais expandem a questão da animalidade, indo além das metáforas e das teorias comparativistas que regem a hominização (Guida, 2011), abrem para um diálogo com diferentes campos. Para Guida (2011), pensar a humanidade e/ou animalidade só é possível pela via do devir-animal, entendido como um movimento entre humano e não

humano, sustentando os limites e não a identificação de semelhanças. Percebe-se a necessidade de estabelecer limites de humanos e não humanos, mas apenas para que seja possível durante as relações que ocorreram atuações de um sobre o outro, elaborando corpos e vidas na composição de emaranhamentos. As fronteiras entre espécies não são paralelas se cruzam entre humanidade e animalidade (Ingold, 1994).

Maciel (2011) afirma que as narrativas voltadas para as relações entre o humano e o não humano estão sendo reconfiguradas a partir de outros enfoques. Percebem-se novas relações com as conjunções/disjunções entre humanidade e animalidade. O animal, próximo da ideia que utilizamos sobre animalidade, é uma criatura híbrida, pois humanos e outros animais mantêm uma quantidade de relações que os compõem.

Assim, a animalidade é determinada pelas relações constituídas. Notamos nesse campo a dificuldade de vivenciar uma relação simétrica entre os homens e animais. O pensamento da relação homem-animal, segundo Nascimento (2011), é o pensamento limite, aquele que pertence às fronteiras, e a impossibilidade de separar completa e simetricamente os dois blocos. Durante nosso processo de pesquisa, as propriedades de humanidade e animalidade foram distribuídas entre os humanos e os não humanos, não sendo exclusivas de um ou de outro. Seres que designaríamos animais podem durante curtos ou mais prolongados espaços de tempo viver regimes de humanização.

A Antropologia e outras ciências já vêm analisando e discutindo as relações entre espécies. Alguns etnógrafos das multiespécies, como Eduardo Kohn, com seu texto “Antropologia da vida”, estão estudando séries de organismos cujas vidas e mortes estão ligadas a mundos sociais humanos (Haraway, 2008; Kirksey & Helmreich, 2010). Esses profissionais estudam as zonas de contato, onde as linhas que separam a natureza da cultura estão sendo discriminadas; são encontros entre seres *Homo sapiens* e outros seres que geram ecologias mútuas e nichos coproduzidos.

Segundo Haraway (2008), é nas zonas de contato que as espécies biológicas se formam; fora de suas zonas de conforto, essa especificidade garante um dos espaços mais ricos para se olhar a diversidade ecológica, evolutiva e histórica. São assembleias de espécies ecologicamente misturadas.

Através dessas zonas de contato, os etnógrafos percebem que o antropocentrismo que atingiu e atinge varias ciências, como a Psicologia, encontra-se em mutação. Como um dos resultados dessa mutação, tanto a Antropologia, Biologia, Psicologia como outras disciplinas estão preferindo preocupações ecológicas.

Frente às preocupações ecológicas, citam-se os peixes que seguimos; eles estão em sua maioria mortos ou inscritos de outra forma; não é por serem mortos que deixam de ser menos importantes ou problemáticos. Haraway (2008) realiza uma reflexão sobre morte e corpo; segundo ele, o corpo não é um corpo em si, mas é um nó de elaboração com outros *messmates*. É na morte que a autora percebe a perda apenas de um corpo que não é corpo, assim, o corpo seria entendido como atuação e afetação, independentemente da inscrição ou espécie, pois ali continuam sendo vinculados outros nós entrelaçados. Como exemplo a história de seu pai, que teve seu corpo elaborado na relação com *messmates* específicos, a cadeira de rodas e as muletas. Depois de sua morte, as muletas, que não foram cremadas com ele, continuaram a vincular novos nós e a corporificar seu pai; mesmo posicionadas em um canto da sala elas permitiam relações e afetações. Seguir peixes mortos, inscritos em telas ou em textos científicos, não requer que os consideremos inertes, pois eles continuam a atuar, e sua atuação é tão complexa quando em estados viventes.

Método

Durante o processo de trabalho, foi utilizada a noção de campo-tema (Spink, 2008), onde o campo não é apenas um lugar fixo, mas se refere à processualidade de temas situados num complexo de redes de actantes que se interconectam. Nessa perspectiva, permanece-se **em campo** o tempo todo, desde uma vez em que o tema atravessa o cotidiano não circunscrito apenas aos locais pré-determinados. Buscou-se redigir em diário de campo observações realizadas pelo pesquisador.

A coleta ocorreu de forma heterogênea e foi considerada durante o percurso do pesquisador. Começamos pela Internet, visando buscar dados, imagens e conhecimento sobre o âmbito da arte, da ciência e do cotidiano em Cuiabá e as suas conexões. Passamos a buscar dados tanto

em textos quanto em pessoas dispostas a conversar, ou seja, nossos porta-vozes. Essas conversas foram importantes mediadoras em nossa pesquisa e apontaram caminhos para os trâmites documentais. Passamos a buscar livros que narrassem as histórias que transitam por Cuiabá, além de histórias dos locais e materialidades pelas quais nós transitamos ao percorrermos as ruas da cidade.

Durante a pesquisa, percebemos que as materialidades produzidas nas relações como as telas artísticas, os expositores refrigerados e as lâminas de peixes nos laboratórios são inscrições de relações que estavam perdidas. Assim, utilizar registro fotográfico, registros de tipo etnográfico ou registros artísticos como método de pesquisa também significa descrever as relações.

Segundo Latour (2012), quanto mais incomensuráveis os atores e os arranjos forem, mais importantes eles são, e uma das táticas de **capturar** essas entidades é utilizar recursos como documentos, gravações, filmes e fotografias. Com esses registros podemos retornar a esses atores e aos arranjos que foram produzidos, mesmo que os mesmos já tenham desaparecido do campo-tema. Trata-se de transformar em inscritos, que prolongam suas atuações e ainda possibilitam uma constante mudança. Para que outras formas de registro pudessem ser realizadas e o pesquisador pudesse lidar com o estado das coisas, a pesquisa foi submetida na plataforma Brasil ao comitê de ética no dia 27/03/2013, tendo como título “Relações entre pessoas e peixes: arte, ciência e cotidiano”. Após a aprovação, realizou-se um levantamento documental de 170 telas artísticas centradas em peixes e entrevistas semiestruturadas em forma de conversa, com artistas, cientistas e frequentadores do mercado do porto. O estudo buscou locais como esferas, ou seja, espaços que foram percebidos como nós das redes de conexão. Buscaram-se locais artísticos como o Pavilhão das Artes, Secretaria de Cultura, Museu de Arte e Cultura Popular e Ateliês, no cotidiano como o Mercado do Porto e no âmbito da ciência os laboratórios científicos universitários.

Dessa forma, a pesquisa teve um enfoque observacional, e o corpus da pesquisa foi composto por observações, entrevistas, registros fotográficos e registros iconográficos. Foram entrevistados 20 participantes, sendo 5 (cinco) de cada um dos segmentos indicados como eixos do projeto, ou seja, participantes que pertenciam ao âmbito da

arte, da ciência e do cotidiano: foram entrevistados artistas, cientistas, comerciantes de peixes e frequentadores do mercado do porto. Realizar entrevistas é conversar com as pessoas e com os porta-vozes implicados nas relações. Narrar e relatar são ações que devemos deixar para os próprios atores. Procuramos identificar o modo como os peixes são posicionados e performados (Mol, 2007).

Nas artes

Como elementos do cotidiano e incorporados ao costume da população, os peixes inspiraram artistas que começaram a pintar telas centradas no peixe. Ao notarmos a iconografia da cidade, percorrer as ruas, os espaços urbanos turísticos, os mercados, as feiras e os restaurantes, nós visualizamos e fomos afetados por essa espécie. As iconografias por nós observadas apresentam imagens de peixes que fornecem uma ambiência, espaços que configuram relações de familiaridade para além dos refugos urbanos, ou seja, levam a um espaço-temporal que corresponde à natureza e às atividades já consideradas idílicas, como conviver com os peixes em locais *in natura*. Observando essa presença constante dos peixes inscritos em iconografia nos espaços urbanos da cidade de Cuiabá, problematizamos sobre a relação entre essa espécie e as pessoas. Por que os peixes estão tão presentes nas inscrições que nos alcançam? E o que podemos entender e refletir sobre essa presença?

Levou-se em conta que os materiais visuais e a comunicação desempenham papéis importantes na vida social, na política e na economia, como também atuam nas relações que desenvolvemos no cotidiano. Uma tela não é uma simples tela, uma imagem grafitada ou pintada em um viaduto também não é apenas um panorama de entretenimento. Ambos são configurados por relações que partem de discursos coloniais ou até de políticas mercantis que vão além dos valores de uso e valores de trocas - entendidas como nomes para relacionamentos que circulam no domínio da extração, acumulação e exploração humana – também formam relações com “valores de encontro” (Haraway, 2008). Tais “encontros” envolvem sujeitos de diferentes espécies, ou seja, humanos e não humanos, em contextos historicamente específicos que “moldam” as espécies participantes.

Consideramos que as práticas artísticas relacionam-se ao contexto socioambiental como formas de sensibilização, registro e experiências do público. Partindo da grande produção artística de telas regionalistas iniciada em Cuiabá nas décadas de 1970 e 1980, criou-se como objetivo entender as relações entre pessoas e peixes constituídas na criação das telas artísticas e refletir sobre o uso das telas artísticas como ferramenta para a criação de um saber ecológico. Para isso, coletamos 170 imagens de telas artísticas centradas nos peixes e realizamos entrevistas com cinco artistas residentes na região do centro-oeste e um crítico de arte.

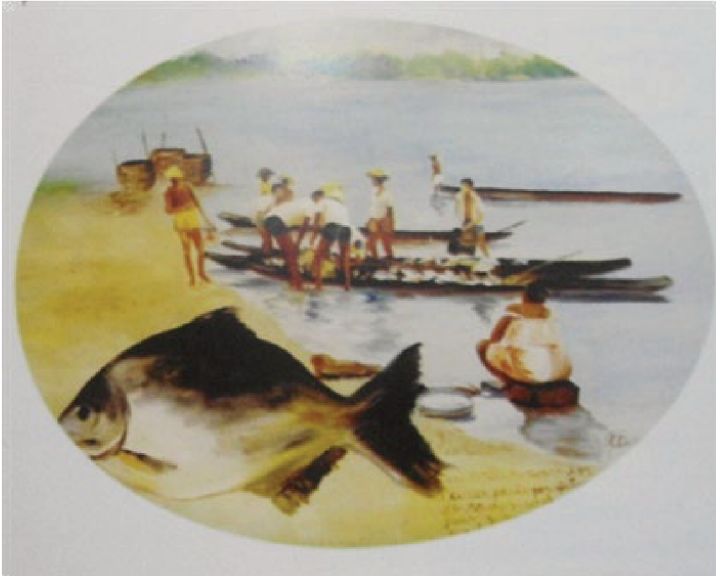
Em Cuiabá, existe uma tendência referente à pintura *naif* e rústica, sendo caracterizada como pintura cuiabana ou regionalista que comporta alguns personagens centrais; dentre eles encontramos o boi, as frutas típicas da região, rituais, cenas cotidianas com marcas idílicas e o peixe. São exaustivas reproduções de elementos considerados regionais utilizados para inventar uma identidade regional.

Em 1970, Cuiabá passou por um **inchamento**, foram intensificados os fluxos migratórios e com eles a necessidade de movimentos sociais, como o preservacionista dos bens e valores cuiabanos. Então, recorrem-se às práticas regionalistas para defender uma suposta identidade cuiabana. Leite (2005) escreve que durante o processo de elaboração dos elementos que fornecem legitimidade para uma determinada região, esses elementos precisam ser aceitos pela comunidade da região. Trata-se de um movimento de “dentro para fora” que assume um sistema espaço-temporal. Depois de décadas, as práticas regionalistas imbricadas de elementos cuiabanos foram transformados em elementos coloniais, os discursos como verdadeiros, espontâneos, primitivistas, e lembranças carregadas de forte carga da imaginação criadora, utilizados para justificar a arte produzida na década de 1970, não estão presentes depois dos 40 anos de uso dessa mesma fórmula.

Ao analisar as telas, percebemos que o peixe é posicionado como marcador regional do centro-oeste, o que acontece em produções nas quais esse animal está acompanhado de outros elementos característicos (manga, viola de cocho, caju, onça, tucano, flores em vasos rústicos) que se afirmam, na década de 1970, como ícones do que viria a ser uma arte mato-grossense, ou ainda, o comércio e a pesca. Os peixes também estão presentes nas telas como elementos da paisagem, formam uma

ambiência e reafirmam a região já com o estatuto de ícones, não sendo mais necessário traduzir os elementos que o contextualizariam: peixe e cuiabania se imbricaram de tal maneira que a justificação já não se torna necessária, e o elemento poético se autonomiza. Coloca-se em cena o que Guimarães (2007) nomeou “fórmula cuiabana”.

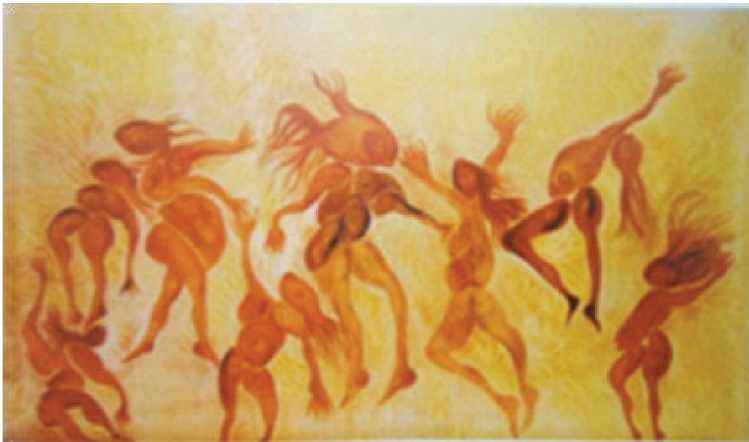
Figura 1. Tela Pescaria de Geracy Bianchine



Fonte: Pescaria, 2000. Geracy Bianchine. Bertoloto, J. F. (2006). Iconografia das águas: o rio e suas imagens. Cuiabá: Carlini & Caniato: Cathedral Publicações.

Analisar as telas artísticas centrada nos peixes nos fez entender algumas das relações que foram e são desenvolvidas com os peixes. As telas apresentam os peixes de diferentes formas; a exemplo visualizamos os peixes como atores em atividades de pesca, como companheiros de pescadores, como organizadores da vida de vendedores e de comunidades, atuando nos regimes aquosos dos rios, nas relações de poluição do ambiente e como híbridos de outros seres.

Figura 2. Tela A dança dos peixes de Vitoria Basaia



Fonte: A Dança dos peixes, 2000. Vitoria Basaia. Bertoloto, J. F. (2006). Iconografia das águas: o rio e suas imagens. Cuiabá: Carlini & Caniato: Cathedral Publicações.

Entrevistamos artistas residentes no centro-oeste para que pudessem falar sobre as relações que estabelecem com os peixes. Ao longo das entrevistas realizadas, os artistas contam que, devido às pinturas dos peixes regionais e das experiências com o regionalismo, tiveram acesso a outras opções de pinturas. Foi o peixe e outros elementos cuiabanos que abriram caminhos numa arte considerada restrita a artistas do sudeste. Com a arte regionalista, figurativa e *naif*, conseguiram contatos fora da região cuiabana e com a própria natureza. São relações desenvolvidas desde a infância, ou desde o primeiro contato com a espécie, e que permitiram um olhar de afetação com os peixes.

Em suas narrativas, os artistas contam que, para conseguir pintar os peixes, tinham que conhecê-los e até elaboravam estratégias de contato com essa espécie. Antes do almoço, enquanto o peixe estava em sua forma inteira estirado na superfície da mesa, eles procuravam conhecer todas as pequenas partes de seu corpo, percebiam como a luz refletia no corpo do peixe e o que sentiam em sua presença. Os artistas realizam um olhar de tipo etnográfico para conhecer os peixes e suas dinâmicas, visi-

tam e observam as orlas do Rio Cuiabá, as feiras de peixes, os mercados, a culinária, os rituais e as relações que os pescadores, pessoas e peixes produzem, desde as técnicas de pesca, o conhecimento ecológico até a forma de cuidar do peixe. Percebem e também buscam pintar outras relações com os peixes, relações amigáveis de espécies companheiras, questões sobre riqueza do ambiente e morte do ambiente.

No âmbito da arte, os peixes são inscritos nas falas dos artistas como “tema”, constituído a partir de pesquisas e principalmente da experiência de vida, uma experiência em que o peixe faz parte da vida. Não é propriamente uma relação de regionalismo, mas pode-se dizer que existe uma relação cultural-histórica, no caso do peixe religioso e de “parição”, ou seja, também há uma relação performática que produz hibridação. Algumas falas apresentam narrativas de experiências de vida como pesquisa:

C.L.: *fiquei ali na feira do porto analisei aquele povo ali comprando peixe, a riqueza do cuiabano, daí eu trabalhei em cima disso, trabalhei assim 5 anos só pintando peixe, aí não parei mais.*

B.N.: *Peixe, começou desde quando eu iniciei a desenhar, porque mamãe chegava em casa, minha avó principalmente, ia ao porto e chegava com cada cacharona [Cachara] e aqueles pacuzão [Pacu] grande. Então, antes que eles cortassem os peixes para fazer eu corria e ia desenhar o peixe.*

G.B.: *Porque eu ia quando eles chegavam da pescaria, eu chegava lá no rio bem de madrugada, eu assistia quando eles retiravam os peixes dos barcos.*

As telas e entrevistas nos fazem pensar que é necessária uma sensibilidade ética mundana; estamos vivendo existências conectadas e nos tornamos humanos nas relações com seres subjugados como os peixes. Um olhar multiespécie exige sensibilidade não antropocêntrica atenta às diferenças irredutíveis. Utilizou-se a arte como via para entender as relações entre as pessoas e peixes e, principalmente, para buscar subsídios às práticas de educação ambiental, que produzem novas zonas de sensibilidade em relação a esses animais. Entende-se que a arte visual vem sendo um espaço importante de sensibilização, mas também, que a mercantilização e o engessamento em determinados elementos iconográficos torna pouco visível a problemática ecológica que atravessa a sobrevivência de várias espécies de peixes em Cuiabá.

No cotidiano

Os peixes na cidade de Cuiabá também estão situados em diferentes espaços não aquosos e em diferentes inscrições, permitindo-nos pensar sobre uma ecologia **no seco**, noção que desenvolvemos para falar sobre uma ecologia que se encontra posterior aos limites dos habitats. Encontram-se nos locais contemporâneos de políticas cotidianas, onde acontecem as experimentações e surgem os híbridos considerados aqueles nascidos da mistura, ou seja, são políticas na medida em que permitem cosmo visões que consentem alguns arranjos e não outros. Encontramos no seco materialidades como os expositores refrigerados que produzem associação com outros arranjos e podem compor através das relações as vitrinas de peixe.

Figura 3. Expositor refrigerado e outros arranjos



Fonte: Acervo pessoal Leihge Roselle Rondon Pereira (2013).

A noção de ecologia no seco tenta refutar o antropocentrismo que nos fixa. Nas relações, os peixes adquirem condições de existência e relaciona-

lidade. Falar em relacionalidade é falar sobre as práticas performativas dos atores das relações, pois diferentes práticas geram versões diferentes sobre o que é ser um animal ou sobre o que é ser uma pessoa, já que as práticas são inventadas todos os dias. Se os atores tomam a forma que constroem nos arranjos, está suposto que eles mudam sua forma entre as diferentes práticas e transcorrem em diferentes inscrições nas ambiências cotidianas.

Foram realizadas observações de tipo etnográfico, entrevistas com cinco comerciantes e cinco frequentadores do Mercado do Porto, e registro de 130 fotos no Mercado Municipal Varejista do Porto, conhecido na região cuiabana como Mercado do Porto ou Mercado do Peixe. As imagens fotográficas foram utilizadas para representar as relações entre humanos e não humanos. As imagens possuem um status da semiótica material atuando como ecos da ecologia “no seco”.

As observações mostram que os peixes ordenam espaços. No Mercado do Porto, percorremos corredores com espaços específicos para venda de doces, verdura, carne bovina, suína e peixes. Porém, ao chegar ao espaço do Mercado do Porto, os peixes já nos alcançam, em outros espaços que não são deles, eles invadem. O cheiro do peixe já nos alcança em sua ausência, a presença/ausência do peixe nos faz conectar ao imaginário e à ambiência.

Entramos no mercado e seguimos o corredor; ao fundo esquerdo encontramos seu espaço destinado. Nesse espaço, encontramos comerciantes de peixe, cuja função é vender os peixes nos boxes, os atravessadores também conhecidos como manuseadores de peixes ou limpadores de peixes, que fazem o tratamento do peixe e vendem para os comerciantes, além dos piscicultores e pescadores que fornecem o peixe, e os fregueses que frequentam o mercado.

Existe uma preocupação com a posição e a imagem do peixe para a venda, como percebida em falas como de **A**: *“Hoje em dia, se você não limpar o peixe, cortar o peixe e embandejar, você não vende, fica difícil para vender”*.

São constituídas outras políticas com o peixe, uma que abarque relações performativas de políticas estéticas de venda, com técnicas desenvolvidas no cotidiano para a apresentação desses não humanos. Técnicas como a construção de uma ambiência que remeta a um espaço de familiaridade *in*

natura. Os recursos para ambiência foram percebidos no entorno dos Boxes para comercialização dos peixes, entendendo-se por ambiência os espaços que oferecem familiaridade. Pode-se dizer que as imagens ou pinturas com peixes utilizadas para a decoração dos boxes são recursos para ambiência, assim como as histórias contadas pelos comerciantes para os fregueses sobre experiências de pesca, culinária e curiosidades referentes aos peixes. Esses diálogos também são recursos para ambiência, já que afetam o freguês ao acionarem seus repertórios imagéticos sobre suas próprias experiências.

Também foram percebidas políticas estéticas, criadas a partir de técnicas que visam à comercialização do peixe. Perceberam-se duas principais técnicas: (a) a utilização de água para molhar os peixes, técnica utilizada para oferecer brilho ao corpo do peixe que será visto esteticamente como fresco; (b) o posicionamento dos peixes no espaço do Mercado Varejista do Porto de Cuiabá, por exemplo, utilizar o corpo inteiro do peixe pendurado dentro dos expositores refrigerados e em cima dos balcões de azulejo, compondo um arranjo para atrair o olhar do cliente através da composição da vitrina com o corpo do peixe.

Figura 4. Expositor refrigerado para o olhar do cliente



Fonte: Acervo pessoal Leihge Roselle Rondon Pereira (2013).

Os peixes, para os comerciantes e frequentadores entrevistados, são inscritos como fonte de trabalho. Foram entrevistados comerciantes que apresentam em média 31 anos de trabalho no Mercado do Porto, e trazem em suas falas “crescer no Mercado do Porto” ou “crescer na beira do rio”, significando relações ao longo da vida com o peixe.

O Mercado do Porto era localizado em outro local, no atual museu do rio, próximo à beira do rio Cuiabá. Os comerciantes entrevistados trabalhavam no Mercado do Porto antigo, e sobre essa mudança falam de uma melhora na estrutura do mercado. Mas é apresentada nas falas a fartura do peixe como elemento para decidir o que é melhor. Atribui-se uma época melhor, àquela em que existia fartura de peixes. São produzidas relações performáticas de memória e de ambiência visualizadas nas falas abaixo:

J: *Para cá foi bom, melhor muitas coisas, mas lá era melhor, porque naquela época era melhor, era mais pescado, era mais bagunçado e tudo, mas peixe era bem lotado, tinha muito peixe. Aqui é pouco peixe, fraco, mas dá movimento. Só que lá era melhor.*

Ju: *Eu achei a mudança, aqui melhorou bastante, por causa do telhado dessas coisas, aqui você não toma chuva, lá era pequenininho, nos que fazíamos a barraca, então era pequeno a barraquinha. Mas sobre vender, lá era melhor que aqui, mas também naquela época o peixe tinha muito, tudo era mais barato, então naquela época nós não tinha peixe de criame, peixe de criame, nos não tinha era tudo do rio, mas hoje não, do rio quase não tem mais, é só criame, cada um mais caro, mais caro e aí a gente acaba ganhando pouco, a despesa é grande.*

Outras relações performáticas encontradas foram as tecnologias de pesca e a mudança no valor de uso da pesca e comércio; são mudanças da ordenação do peixe que produzem performances. Devido à escassez de peixes no rio, começou a ser utilizado o gelo para que fosse possível desviscerar o peixe na beira do rio e guardar em caixas térmicas. A escassez dos peixes muitas vezes é justificada pela pesca predatória, como as pescas em que se utilizavam redes de arrastão, antes da proibição, e que retiravam do rio além do que era necessário para o consumo. A rede de arrastão era uma tecnologia de pesca utilizada em uma época de fartura, assim como o carrinho de mão feito de madeira para vender cambadas de peixes e a lata de sardinha utilizada para escamar o peixe na beira do rio. São falas em que a fartura sumiu e novas tecnologias de pesca são utilizadas:

A: *porque foi ficando cada vez mais difícil até para você capturar maior quantidade de peixe, então você tinha que ficar mais tempo para compensar o gasto da viagem... Não vender rapidinho a qualquer preço ... Porque hoje em dia se vende qualquer coisa que sai na rede ou no anzol se vende e tem valor comercial, e antigamente cozinhava e jogava fora.*

Na ciência

No âmbito científico, foram realizadas observações etnográficas, produzindo 35 registros fotográficos e entrevistas com cinco cientistas. Percebemos que nas materialidades dos textos os peixes estão inscritos como atuantes das problematizações acadêmicas. Enquanto que nas falas dos cientistas estão inscritos como os indivíduos sacrificados, os peixes nos trabalhos em laboratórios estão inscritos como partes de seus corpos e que transformados em dados são porta-vozes de suas atuações. São otólitos, gôndola, parte do fígado utilizado para informações sobre reprodução, “vigor híbrido”, rim e partes dos tecidos. Esses peixes na aparência estão mortos e inertes, mas seus corpos continuam a atuar.

Figura 5. Peixe morto e atuante



Fonte: Acervo pessoal Leihge Roselle Rondon Pereira (2013).

Com esses indivíduos mortos e atuantes, percebemos relações performáticas de conhecimento ecológico, hibridações nos tanques de melhoramento genético, tecnologias alimentícias, políticas de projetos e recursos.

O que podemos refletir sobre as inscrições dos peixes como indivíduos sacrificados coincide com o que Haraway apresenta na noção de responsividade com as espécies presentes nas relações. Além de nos moldarmos nas relações, através dos valores de encontro, nós aceitamos papéis de responsividade. Resposta e respeito são possíveis apenas quando olhamos para o outro e nos encontramos pegajosos e afetivos com todas as confusas histórias que nos remodelam. Trabalhamos *com* as espécies e não com o domínio do homem sobre elas; não são apenas os peixes que seguimos, descrevemos ou pintamos, mas também suas relações e os atores que as compõem.

Quando Haraway (2008) trabalha a noção de responsividade, ela remete à construção humana que abarca relacionamentos desiguais e assimétricos, ou seja, é inviável que as partes de um relacionamento respondam e sejam responsáveis com textura simétrica, não são autossimilares. Buscou-se, durante a pesquisa, atribuir atuações simétricas às espécies não/humanas, atuações que foram destituídas por conta do antropocentrismo, porém, em uma relação, uma das partes sempre será mais responsiva, um papel que devemos assumir quando nos relacionamos com outras espécies. O ambiente e a sustentabilidade perpassam pelo movimento responsivo, um movimento de respeito no olhar e no encontro com os outros seres, mesmo quando temos que sacrificar a espécie com a qual nos relacionamos.

Considerações finais

Os peixes que poderiam ser considerados inativos, porque se encontram mortos, adquirem atuação, modificando modos de vida. O que fazemos com os peixes, o modo como com eles nos relacionamos – e com outras espécies viventes - portanto, deve ser objeto de nossas práticas de reflexão em Educação Ambiental, Ecológica, como também em Psicologia Social. Perdemos uma trama imensa ao considerar esses seres como objetos, excluindo seus direitos de atuantes e compositores de mudanças.

Misturamos e conectamos a arte, a ciência e o cotidiano que possibilitam encontros entre diferentes espécies nas “zonas de contato”, nos quais as linhas que separam a natureza da cultura estão sendo discriminadas. São encontros entre humanos e não humanos que geram outras ecologias, já que as zonas de contato são locais em que os seres protagonistas das relações encontram-se fora das suas zonas de conforto, podendo durante um encontro perceber, olhar e incorporar outra espécie. É necessário um posicionamento e olhar multiespécie com uma sensibilidade não antropocêntrica, como o que Haraway apresenta na noção de responsividade com as espécies presentes nas relações.

As ecologias no seco são as diversas relações performáticas surgidas nas relações multiespécies, os peixes mudam e ordenam a vida dos comerciantes ao sumir e aparecer, a vida dos artistas como tema de criação que mediam outras relações e os cientistas como problemas de pesquisa e objetos de apelo a recursos científicos. Processos de subjetivação potencializam atualizações referentes a como nos relacionamos e somos compostos por e com outras espécies. Nós nos formamos em encontros situados que problematizam as objetificações científicas a respeito dos movimentos de verdade (Haraway, 1995, 2008).

Por exemplo, podemos utilizar o acervo de telas mato-grossenses como material didático em Educação Ambiental para trabalhar a responsividade nas relações entre pessoas e peixes em Cuiabá, visando ressaltar a importância política, social e estética desses animais, bem como produzir interpelações que façam com que escapemos da “fórmula cuiabana” e que seja possível visualizar os peixes como espécies vivas que merecem e requerem um olhar ecológico que ressalte as tramas afetivas existentes nas camadas de tinta e óleo.

Uma sensibilização e valorização da produção iconográfica existente que abra às novas gerações de artistas a liberdade de introduzir elementos críticos na iconografia sobre peixes. Fissuras críticas existem e aparecem, com vigor, nas telas de Clovis Irigaray, principalmente na série “Xinguana”, que, num gênero hiper-realista, aborda cenas cotidianas de povos indígenas nas quais os peixes se fazem como uma ausência-presença. A presença-ausência dos peixes nas cenas de alimentação da série Xinguana lembra-nos das práticas predatórias que marcam as relações com os peixes em Mato Grosso e que, velozmente, se sobrepõem às práticas de

cuidado e convivência, principalmente, após a introdução dos chamados “peixes de tanque” sem manejo adequado.

Figura 6. Piquenique da fase Xinguana de Clovis Irigaray



Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-irigaray-artista-do-evento.html> (2013)

Idealizar uma Psicologia Social que incorpore as multiespécies resulta em desfocar do Antropoceno para olhar as relações não hierárquicas entre as espécies, ou seja, a formação de arranjos onde as fronteiras de poder e ação entre humanos e não humanos não estão pré-definidas.

Referências

Amâncio, C. (2009, setembro). Pescador profissional artesanal: perigo real da sua extinção. *ADM - Artigo de Divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal*, 134, 01-04.

- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization* (Public Worlds, Vol. 1). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Descartes, R. (1996). *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dombrowski, D. A. (1994). Heidegger's anti-anthropocentrism. *Between the Species*, 10(1), 26 – 38.
- Galindo, D. (2011). Experimentos ontológicos. Variações Queer. *Revista Polis e Psique*, 1(n. spe.), 90 - 111.
- Galindo, D. & Rodrigues, R. V. (2012). Medicamentos copiados: consumo e clandestinidade nos fluxos tranfronteiriços. In J. C. Alves (Org.), *Psicologia Social e Políticas Públicas: contribuições e controvérsias* (Vol. 1, pp. 115-129). Goiânia: Editora da PUCGO.
- Galindo, D., Streit, A., Matos, B., Santos, B., Caroline, E., Rosa, L. et al. (2009, agosto/dezembro). Materialidades, ordenações e fluidez em torno de refugos urbanos. *Barbarói*, 31, 177 – 195.
- Guida, A. (2011). Para uma política da animalidade. In PPG Letras - Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (Org.), *Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura, 5: Literatura e Política*. Acesso em 12 de junho, 2015, em <http://www.ufff.br/darandina/files/2011/08/Para-uma-pol%C3%ADtica-da-animalidade.pdf>
- Guillamón, I. (2008). Luces y sombras: el compromiso en la etnografía. *Revista Colombiana de Antropología*, 44(1), 95 – 122.
- Guimarães, S. C. S. (2007). *Arte na rua: o imperativo da natureza*. Cuiabá: EdUFMT, Carlini & Caniato.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 07- 41.
- Haraway, D. (2008). *When species meet* (Posthumanities, Vol. 3). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Heidegger, M. (1968). *What is called thinking?* New York: Harper & Row.
- Ingold, T. (1994). Humanity and animality. In T. Ingold (Ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology* (pp. 14-32). Londres: Routledge.
- Ilñiguez, L. (2008). La psicología social en la encrucijada postconstruccionista: historicidad, subjetividad, performatividad, acción. In N. Guareschi (Org.), *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo* (pp. 04-42). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Kirksey, S. B. & Helmreich, S. (2010). The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, 25(4), 545 – 576.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

- Latour, B. (2004). *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: Edusc.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba.
- Latour, B. & Woolgar, S. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Law, J. & Lien, M. E. (2012). *Animal architectures*. Acesso em 20 de fevereiro, 2014, em <http://www.sv.uio.no/sai/english/research/projects/newcomers/publications/working-papers-web/animalarchitectures8.pdf>
- Lei n. 11.699, de 13 de junho de 2008. (2008). Dispõe sobre as Colônias, Federações e Confederação Nacional dos Pescadores, regulamentando o parágrafo único do art. 8º da Constituição Federal e revoga dispositivo do Decreto-Lei n. 221, de 28 de fevereiro de 1967. Acesso em 19 de fevereiro, 2014, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11699.htm
- Leite, M. C. S. (2005). *Mapas da mina: estados de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.
- Lestel, D. (2011). A animalidade, o humano e as comunidades híbridas. In M. E. Maciel (Org.), *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (pp. 23-53). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Lima, A. A. L., Doria, C. R. C., & Freitas, C. E. C. (2012, maio/agosto). Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade. *Ambiente & Sociedade*, 15(2), 73 – 90.
- Maciel, M. (Org.). (2011). *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Mol, A. (2007). Política ontológica: algumas idéias e várias perguntas. In J. A. Nunes & R. Roque (Orgs.), *Objectos impuros: experiência sem estudos sobre a ciência* (pp. 63-75). Porto: Edições Afrontamento.
- Nascimento, E. (2011). Rastros do animal humano – a ficção de Clarice Lispector. In M. E. Maciel (Org.), *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (pp. 117-148). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Nunes, B. (2011). O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In M. E. Maciel (Org.), *Pensar / escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (pp. 13-22). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Pasa, M. C. (2004). *Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá Açu, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

- Ribeiro, M. A. (2011). *Sentidos da pesca a pesca dos sentidos. A perspectiva psicossocial para a compreensão do sumiço dos peixes da pesca de curral em Ipioca – Maceió – AL*. Maceió: Edufal.
- Santos, L. M. K. (2006). *Dinâmica da pesca artesanal em suas comunidades ribeirinhas tradicionais do rio Cuiabá: uma abordagem ecológica*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.
- Spink, P. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20(n. spe.), 70 - 77.